



ASSEMBLEIA DO CLERO 2018

Diocese de Osório

5, 6 e 7 de novembro - Casa Tiberíades, Cidreira

Leitura da realidade da Diocese de Osório

1. Conversão pastoral e pessoal.

A Igreja está em processo de abertura missionária, com coisas em seu tempo. Como ajudar para que se aprofunde?

A conversão pastoral é uma urgência e supõe um processo de transformação permanente e integral, o que implica o abandono de um caminho e escolha de outro (Doc. 100, 51). Talvez, esteja aqui o fundamental: abandonar um caminho e escolher outro. É parte estruturante do ser humano o apego; também o apego pastoral de continuar com caminhos que foram suficientes para determinadas épocas, mas que não se adequam ao momento histórico que estamos vivendo, com o paradigma de mudanças que ocorreram e continuam ocorrendo, como os novos cenários da fé e da religião (cf. Doc. 100, cap. I).

Abandonar um caminho, na perspectiva da conversão pastoral, implica uma *Kenosis* e, no caso, entra de cheio a dimensão espiritual e remete a esta profunda orientação contida em Fil 2,1-11. É ser capaz de mudar de rumo, despojando-nos de algo que nos é valioso, mas que em função da fidelidade à missão, exige a construção de um novo rumo pastoral que possa explicitar melhor o anúncio irrenunciável de Cristo e sua proposta, mas com roupagens compreensíveis ao homem de hoje.

Valorizar o espírito comunitário com sua base na vida trinitária e no batismo recebido. Para isso, a visão de 'comunidade de comunidades' é fundamental na medida em que setoriza para ser uma presença que favoreça uma aproximação indispensável. Agora, é preciso identificar que vai pastorear. Animar e coordenar estas pequenas comunidades, caso contrário, será só uma descentralização geográfica, sem vida, sem alma.

Abrir-se ao Espírito Santo, deixar que ele indique a direção. Pôr-se em movimento: para o original, para o autêntico, para o essencial. Conversão é dom e ação do Espírito Santo! Conversão dos agentes no seu fazer evangelizador, conversão dos modos, dos conteúdos, da linguagem, das práticas, das prioridades... na evangelização e na pastoral. Há uma exigência de conversão pessoal, de adesão ao novo/original. "Tudo está escrito e nada será mudado". Onde fica o Espírito?

Uma passagem da severidade à caridade! Ainda há força e preocupação disciplinar, reguladora... há qualquer coisa de retorno, quando se busca alternativas! Voltar à origem, não ao medieval. À misericórdia e revolução de Jesus.

2. Acolhida

A acolhida ainda é passiva, atitude de espera. É desejo da entrada das pessoas em nossos esquemas (movimentos, grupos, organizações). Na ação missionária é não esperar e simplesmente convidar para. É, sobretudo ir ao encontro das pessoas em seu ambiente, na sua realidade, seu um sinal de esperança nesta realidade. “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração” (GS 1).

Sonho com uma ação missionária capaz de transformar tudo! (EG 27). Esta expressão do Papa Francisco convida para uma acolhida que se aproxime do jeito de Deus e do seu Filho. Muitas atividades nas comunidades são para as pessoas que vem ao encontro, mas há poucas ações direcionadas àqueles que pertencem ao território paroquial e não buscam espontaneamente a comunidade. O sonho do Papa Francisco que todos os agentes de pastoral tenham atitude constante de “saída”, para que as pessoas, até o momento distantes da comunidade, tenham a oportunidade de compartilhar a amizade com Jesus (EG 27). Esta saída não significa correr pelo mundo sem direção, sem sentido e de maneira isolada, mas com direção (EG 46).

Por isso, é preciso repensar frequentemente a paróquia. Não deve ser um lugar de chegada, é um lugar de passagem. Acolher quem está em peregrinação. É uma hospedaria que acolhe os viajantes para a pátria celeste. Ela não é morada definitiva, pois distrairia seus hóspedes do final da viagem. mas também pode ser apenas um lugar de passagem onde os viajantes não criam laços de fraternidade, amizade e comunhão. Ela é referência, lar, casa e, ao mesmo tempo, hospedaria, estação para os que caminham guiados pela fé em Jesus Cristo (Doc. 100, 163).

Acolher na caridade em seus justos limites, como um descer para reabilitar, é uma atitude eminentemente humana e cristã, a pedagogia de Deus, em seu trato com o ser humano, foi a de uma grande caridade, como ser revela nos Evangelhos. A forma como Deus se comporta com o ser humano é um desafio, um sinal de como Deus quer que o ser humano se comporte com o seu irmão.

Como pegar gosto pela visitação, como aprender a visitar? Indo fazer visitas! Voltar, partilhar, rezar, avaliar, ir, encontrar, estar...

3. Clericalismo

Clericalismo é sintoma de uma Igreja que não quer se converter: é o senhor quem sabe, padre. Igreja autorreferenciada: por si e para si; o diferente é ameaça, inimigo... busca a manutenção, conservação. O clericalismo, longe de dar às diferentes contribuições e propostas, apaga pouco a pouco o fogo profético do qual a Igreja inteira é chamada a dar testemunho no coração de seus povos. O clericalismo esquece que a visibilidade e a sacramentalidade da Igreja pertencem a todo o povo de Deus e não só a poucos eleitos e iluminados. Reduz todas as iniciativas que o Espírito pode suscitar no meio de nós.

Ninguém é empregado do outro, no sentido de fazer o que lhe é dito. Não precisam repetir como “papagaios” o que é dito, e sim protagonismo.

Caminhar juntos, descobrir saídas, ajudar e se deixar ajudar. Ir além de nossas funções, descobrir novas realidades. Auxiliam na compreensão de nossa missão na Igreja. A ação, expressão de Igreja convertida, vai mostrar esta novidade cultivada no interior.

4. Igreja em saída

O que significa uma Igreja em saída, segundo o Papa Francisco? Samaritana, simples, cuidadosa, misericordiosa. Que assume o tempo e os seus excluídos.

Nova comunidade e novo padre. Não para a missa e os sacramentos, mas participante do círculo da vida da comunidade.

Novo tipo de leigo e leiga. Agentes da evangelização em relação e serviço; autonomia, fidelidade ao batismo.

Cada um fazer o seu específico, isola. É preciso participação na comunhão.

Grupos coesos e de relação estreita. Não é possível viver e testemunhar o evangelho sem uma comunidade forte, autêntica (*Mesters*).

As proposições da Diocese: GF, IVC, formação vivencial, entrosamento entre pastorais (catequese é missão de toda a comunidade).

Há cansaço e, ao mesmo tempo, não se quer mudar. Medo, timidez... falta de parresia, ousadia. Formação que não transforma em termos de metodologia. Tantas pessoas passam pela gente, por que tão poucos se engajam?!

Excesso de atividades: que são parciais, que são dos grupos e pastorais; mas que não são propriamente da comunidade, em vista da comunidade.

Agarrar-se à segurança das normas, dos programas prontos, das ações que se repetem ano a ano... Missão não é assim. É mais instável, é inovador constantemente... tem valores, mas não tem programa estabelecido.

Centralismo (padre e algumas lideranças).

Necessidade de uma compreensão maior da identidade e missão do leigo e da leiga. Fruto de uma catequese, de uma evangelização.

Dificuldade de ressignificar a missão. Parece que sempre é o mesmo.

Pressa! Marca do tempo. Eventos, instantâneos... evangelização é processo de vida toda.

Visibilidade; a missão não permite visibilidade. Mutirão x visitação continuada.

Alguns sinais: IVC, Dízimo, Conselhos e paróquia em rede. Há uma Igreja mais viva e pessoas mais felizes onde isso acontece.

Ações que transformam uma comunidade, a Igreja.

O veraneio: desconforto e apelo à criatividade. Exercício de Igreja que se renova.

5. Reflexão final

- Alguma surpresa?
- Nós, aqui, temos mais e melhor consciência da Igreja que somos?
- O que o Plano Diocesano transforma a vida das comunidades?